

Epigrafia Latina e História Romana*

José Manuel dos Santos Encarnação

Résumé:

• *Recherche sur les rapports entre l'Épigraphie et l'Histoire. Le document épigraphique ouvre à l'historien une nouvelle dimension pour la recherche de la vie quotidienne.*

É por demais conhecida a afirmação de Raymond Bolch: "*On conçoit mal un historien de Rome qui ne soit pas en une certaine mesure épigraphiste, mais à coup sûr, il n'est pas d'épigraphiste qui ne soit, en même temps, historien*" (1964, 6).

P. Willeumier demonstrou, por seu turno, já em 1974, numa síntese admirável, como a epigrafia constituía fonte preponderante para o conhecimento da civilização romana, quer porque, ao contrário do que acontecia com as outras fontes, as inscrições são abundantes, originais, aparecem em toda a parte e abarcam os mais variados aspectos da vida das comunidades — de forma que, garantia já então, "*l'épigraphie, qu'on rabaisait volontiers au rang de 'science auxiliaire', tend à devenir un élément primordial dans la connaissance de la civilisation romaine*".

* Este artigo é uma síntese da comunicação apresentada, a 5 de Outubro de 1995, na Universidade Federal do Rio de Janeiro, no âmbito do III Congresso Nacional de Estudos Clássicos, em que participei a convite das responsáveis pelo Laboratório de História Antiga do IFCS. A minha deslocação e estada só foram possíveis graças aos apoios que lograram obter junto do CAPES e no âmbito da Coordenação do Programa de Pós-Graduação em História (Prof. Dr. Afonso Marques dos Santos) — gentileza que penhoradamente me cumpre agradecer. A sua inclusão neste número de PHOÏNIX o devo também ao gentil convite do seu Conselho Editorial — que me seja permitido salientar e prestar, assim, amiga e reverente homenagem ao incansável dinamismo das professoras Neyde Theml e Norma Musco Mendes, impulsionadoras deste frutuoso intercâmbio luso-brasileiro no campo da História Antiga.

Apesar disso, tem-se a impressão de que os investigadores mais ligados aos chamados “Estudos Clássicos” se debruçam predominantemente sobre as fontes literárias, sem que se faça a “ponte” com essa outra “literatura do quotidiano” que, afinal, tem de fato muito para dizer, em todos os domínios, que não apenas no da legislação ou no das manifestações religiosas.

É a importância dessa “ponte” que ora se pretende sublinhar. Uma “ponte”, de resto, com “trânsito nos dois sentidos”. Necessariamente.

Na verdade, abundam os monumentos epigráficos, de tal modo que os diretores de museus sentem, muitas vezes, enorme dificuldade não só em selecionar as peças que hão de expor, como também em conseguirem adequado lugar para as manter em reserva. Amiúde, no terreiro das traseiras eles se amontoam, a trouxe-mouxe, à espera duma oportunidade de valorização expositiva...

Além disso, o investigador encontra epígrafes romanas em todo o sítio, que não apenas em estações arqueológicas consagradas. É que, dadas as suas características, aos monumentos epigráficos sempre coube a sina de serem reaproveitados como material de construção: num singelo valado a delimitar remota propriedade rural; no lintel da janela duma casa rústica; a servir de pia de água benta ou de peanha de santo numa capela cristã; na parede do solar antigo ou na muralha urbana medieval... E então o achamento de epígrafes em aglomerados que sucederam a cidades romanas é tão freqüente que corre o risco de começar a tornar-se banal. E adregou que mesmo nas paredes de recôndita gruta romanos deixaram aqui e além eloqüente rasto escrito da sua passagem.

Em terceiro lugar, como fonte histórica, as inscrições abarcam todos os domínios: a legislação, as manifestações religiosas e de bruxaria, a ternura da vida familiar, a sobranceria dos políticos, o orgulho duma cidade nos seus monumentos e nos seus ilustres, o clandestino secretismo dos grafitos...

Finalmente, trata-se de fontes que não se falsificam facilmente, quer porque se torna muito mais “rendível” criar réplicas de moedas, de lucernas, de pequenos bronzes do que de “pedras com letras” cujo valor decorativo é escasso, quer porque se conhecem bem as regras da escrita epigráfica, os cânones textuais... Estamos, pois, fundamentalmente, em presença de documentos originais, tal qual saíram das mãos do lapicida, há cerca de dois mil anos atrás.

Aliás, o reconhecimento da grande importância documental do monumento epigráfico não é dos nossos dias. Já os Romanos, no seu tempo, tinham plena consciência disso — doutra sorte, não se compreenderia a

atrás referida abundância de testemunhos e, a título de exemplo, a conhecida preocupação de Trimalquião, uma das mais sugestivas personagens do *Satyricon* de Petrónio († 66 d.C.):

A dado passo da sua lauta ceia, volta-se para Habinnas, a quem já encomendara a construção do túmulo, e, entre as ordens que lhe dá, determina que se escreva: “Este monumento não faz parte da herança”, *hoc monumentum haereditatem non sequetur*, expressão tão freqüente, sobretudo em epitáfios de notáveis, que surge habitualmente em siglas — H. M. H. N. S. —, sintoma claro de que era cabalmente compreendida. Mais adiante, Trimalquião precisa: “Um relógio no meio, para que quem quer que veja, as horas leia também, quer queira quer não, o seu nome. Quanto à inscrição vê se esta te agrada: Aqui jaz Gaio Pompeio Trimalquião Mecenate. Foi eleito sêxviro na sua ausência. Embora pudesse pertencer a todas as decúrias, em Roma, não o quis. Escrupuloso, corajoso, fiel, partiu de pouco e deixou trinta milhões de sestércios... e nunca foi aluno dos filósofos. Descansa em paz — Tu também.”

Durante a época medieval, foi a cultura livresca que mais suscitou o interesse dos eruditos monges, que devido ao seu recolhimento conventual, era com os manuscritos antigos que primordialmente conviviam. Mas já no Renascimento vamos encontrar réplicas das inscrições romanas monumentais; e o surgimento, por exemplo em França, da Académie des Inscriptions et Belles-Lettres (1663) vem responder à necessidade de, para cada monumento ou para perpetuar determinado acontecimento ou a memória de uma personagem, se gizar uma inscrição de acordo com os modelos da Antiguidade Clássica.

Cientes já da grande importância histórico-documental da inscrição, os Acadêmicos dão conta, nos seus relatórios, do que, nesse domínio, encontram aqui e acolá. As suas interpretações nem sempre são as mais fiáveis, é bem de ver; no entanto, foi enorme o seu contributo para o conhecimento de epígrafes que, doutra sorte, se teriam perdido para sempre. De resto, tanto no século XVII como, sobretudo, no XVIII, o seu empenho em preservar tais monumentos chegou ao ponto de copiarem os que encontravam, anotando, mediante gravação no próprio original ou na cópia, o local e data do achamento. O entusiasmo foi grande por toda a Europa e os reis não hesitaram em deixar gravar nos pedestais das suas estátuas epítetos como AVGVSTVS, PIVS, FELIX, que eram, afinal, os epítetos correntes nas inscrições em honra dos imperadores romanos do século III em diante.

Curiosamente, mesmo em nossos dias, surpreende-nos como, até no domínio da promoção turística, os monumentos epigráficos antigos co-

meçam a ganhar dimensão. Não foi, de fato, sem estupefação que, ao folhearmos o número de Novembro de 1992 da *Ronda*, revista da companhia de aviação Ibéria, vimos metade duma das páginas dedicadas à cidade de Cárceres ocupada pela reprodução dum miliário romano, visível num dos seus arruamentos...

Mas será mesmo tão importante assim?

Julgo não haver qualquer dificuldade em demonstrá-lo, estranhando, desde já, que tão rico manancial não seja tanto ou mais aproveitado, na pesquisa dos chamados Estudos Clássicos, como o tem sido, predominantemente, a hermenêutica dos textos literários.

No âmbito da religião, por exemplo. Quanto riqueza informativa não dimana dum ex-voto, por mais singelo que ele seja? Os motivos que determinaram a sua oferta à divindade; as divindades veneradas, aqui, ali — indígenas, oficiais, do Oriente, o próprio imperador... O formulário utilizado (a quase totalidade das vezes em siglas, por ter entrado no *cotio das gentes*: *votum solvit libens animo* “cumpriu o voto de livre vontade”), mostra, com simplicidade admirável, como entre o divino e o humano se estabelecia um contrato “jurídico” livre, que, por isso mesmo, solenemente obrigava ambas as partes...

Hoje, a História, os Estudos Clássicos não visam árida reconstituição dum longínquo passado, desgarrado do Homem dos nossos dias. Mais do que o monumento, o testemunho, a frase, importa-nos justamente o Homem — os homens e as mulheres que lhes estão por detrás. Que pensavam? Porque nos quiseram dar de si aquela imagem? Que estranho laço os prende, afinal, a todos nós, mais de dois mil anos decorridos?... E, nesse aspecto (“uma imagem vale mais que mil palavras”...), a análise atenta da decoração do mais singelo monumento funerário é susceptível de nos desvendar imensos horizontes mentais. E que dizer do *sit tibi terra levis*, “que a terra te seja leve”, fórmula que tanto tem impressionado, ao longo dos tempos, todas as gerações e que hoje, encontra eloquente paralelo no voto “descanse em paz”? É o diálogo que se pretende continuar entre os vivos e os mortos, num respeito eivado de receio também: que a terra, embora leve, te impeça de voltar, porque foste *pietissimus*, “modelo de piedade”, e vais continuar a sê-lo, pois não? Um diálogo que assume, por vezes, um teor mais erudito — VENISTI AVE LEGISTI SALVE, “Olá, ó tu que vieste! Já leste? Passa bem!”.

Neste domínio, permita-se-me que transcreva do interessante trabalho de Lídia Storoni Mazzolani (1991) alguns epitáfios bem significativos de como também a linguagem epigráfica tem de ocupar o lugar que por direito lhe compete na nossa investigação do Mundo Antigo.

“Cansado viandante, não fiques perplexo: esta estrada tem deste pó!”
(.167: CIL VIII 7277);

“Banhos, vinho e Vênus estragam nossos corpos. Mas são os banhos, o vinho e Vênus que enchem a nossa vida!” (p. 215, CIL VI 15258);

“Comi ostras, amiúde bebi Falerno; banhos, vinho, amores, ano após ano, foram minha companhia até à velhice, proclama Gaio Domício Prímo.” (p. 101, CIL XIV 914);

“Viandante, viandante: o que tu és também eu fui; o que ora sou sê-lo-ás também” (p. 295, CIL XI 6243);

“A vida é breve, frágil a esperança: entrai! A lareira está acesa: enquanto houver luz, vamos beber companheiros” — foi gravado num copo (p. 119, CIL III 12013.3).

Poesia gravada na pedra, filosofia que pretende transmitir, instantâneos duma existência vivida... O casamento entre História (quotidiana, das mentalidades, da cultura, econômica, social) e Literatura, entre vida e desejo de a perpetuar.

E, claro, também estas mensagens nos vão poder proporcionar todo o tipo de análises dos textos literários. Para já, os reflexos da literatura lida, a contaminação entre a oralidade e a escrita, o nível de alfabetização, os processos de aculturação patentes na onomástica, na teonímia, na transposição para latim de vocábulos gregos e pré-romanos...

Enfim, um mundo de sugestões a explorar em desejável interdisciplinaridade. Afinal de contas, que pretendemos nós? Não é saber como pensavam e agiam, nas mais variadas circunstâncias da vida, os Gregos e os Romanos, o Homem de todos os tempos — para melhor nos compreendermos a nós mesmos, o instante que respiramos e que queremos viver em plenitude?...

Os poetas — alguém escreveu recentemente (in *Jornal Diário de Notícias*, 26.09.95) que eles “são a consciência de um povo” — e os escritores em geral detectam esses instantâneos de vida e perpetuam-nas pela escrita. Mas são as epígrafes que os tornam duradouros!

O fenómeno é, obviamente, “interativo”, para usarmos uma terminologia bem atual, e o epigrafista encontra, assim, justificada a sua curiosidade militante — porque a Epigrafia, ontem como hoje, *mete o bedelho* em tudo. Não merece, pois, como já o proclamava Wuilleumier, ser displicentemente atirada para o rol secundário das ciências “auxiliares”.

Apêndice Bibliográfico

Em jeito de brevíssimo complemento ao que atrás se diz, gostaria de acrescentar alguns elementos bibliográficos, que poderão revelar-se de utilidade para quem eventualmente tenha curiosidade em conhecer algumas das obras que me levaram a estas reflexões. Seguirei a ordem por que os temas aqui foram abordados.

BLOCH, Raymond. *L'Épigraphie Latine*, Paris: PUF, 1964.

WUILLEUMIER, P. "La contribution de l'épigraphie latine à la connaissance de la civilisation romaine". *Ausflug und Niedergang der Römischen Welt*, II, 1, 1974, pp 790-795.

Sobre a problemática da apresentação museológica das epígrafes, cf. *Il Museo Epigrafico*, Faenza, 1984 (Coleção "Epigrafia e Antichità", n.º 7)

A revista *Ficheiro Epigráfico*, de Coimbra, publica frequentemente o estudo de epígrafes inéditas achadas nos sítios, à primeira vista, mais inconcebíveis: cf. v. g., as inscrições n.ºs. 52-56 e 81. São notáveis os textos pintados numa gruta perto de Múrcia, Espanha, publicados por A. González Blanco, Marcos Mayer Olivé e Armin U. Stylow: *La Cueva Negra de Fortuna (Murcia) y sus Tituli Picti — Un Santuario de Epoca Romana*, Múrcia, 1987 (coleção "Antigüedad y Cristianismo", n.º IV).

Os estudos sobre a legislação municipal romana ganham cada vez mais consistência devido aos textos recentemente identificados, que vieram complementar a obra, já clássica, de Álvaro d'Ors, *Epigrafia Jurídica de la España Romana*, Madrid, 1953. Veja-se, por exemplo, tudo que se tem escrito acerca da chamada *Lex Irnitana*; entre outros: Julián González, "The lex Irnitana: a new Flavian municipal law", *The Journal of Roman Studies* 76 1986, 147-243

A propósito da falsificação de inscrições: José D'Encanção, "Da invenção de inscrições romanas pelo humanista André Resende", *Biblos* (Coimbra) 67 1991 177-205

Apesar de se tratar de uma obra de ficção, não resisto a transcrever uma passagem do famoso livro de Marguerite YOUNG, *A vida*

Apixonante de Adriano (Editora Ulisseia, Lisboa, s/d., pp 35-36: “Coisa alguma iguala a beleza de uma inscrição latina votiva ou funerária: essas poucas palavras gravadas na pedra resumem com uma majestade impessoal tudo o que o mundo precisa saber de nós.”) “

Lidia Storoni MAZZOLANI, *Inscrizioni Funerarie Romane*, Milão, 1991 (Biblioteca Universale Rizzoli) Cf. recensão que tive oportunidade de fazer desta obra em *Conimbriga* 31 1992 197-200. Esta relação entre os textos epigráficos e os literários foi superiormente abordados no volume, já clássico, de Raymond CHEVALLIER, *Épigraphie et Littérature à Rome* (Faenza, 1972)

As lacunas, as grafias “estranhas”, os erros ortográficos são, hoje interpretados igualmente como importante índice cultural. cf. José D’ EN-CARNAÇÃO, “A necrópole romana da Quinta da Maria (‘Olhão’): a onomástica enquanto índice sociocultural”, *Anais do Município de Faro* 21 1991 229-241.

As questões que se prendem com a aculturação entre Romanos e populações indígenas da Península Ibérica têm sido abordadas, de modo particular, em colóquios realizados, desde 1974, sob os auspícios duma comissão internacional que integra especialistas alemães, espanhóis e portugueses. O primeiro realizou-se em Salamanca; o segundo em Tübingen, na Alemanha, em 1976; o terceiro em Lisboa (1980); o quarto em Vitória, no País Basco (1985); o quinto colóquio (1989) ocorreu de novo na Alemanha, em Colônia; de todos foram já publicadas as respectivas Actas e, sob o título *La Hispania Prerromana*, se editaram também, em Salamanca, as comunicações apresentadas no último destes Colóquios (Coimbra, outubro de 1994).

As questões de Língua e Linguagem têm sido amplamente abordadas. Dou dois exemplos, relativos a duas regiões distintas: H. MIHAESCU, *La Langue Latine dans le Sud.-Est de L’Europe*, Bucarest — Paris, 1978 (cf. recensão in *Humanitas* 29-30 1977 — 1978 320 -322); e o volume *La Langue des Incriptions Latines de la Gaule*, Lyon, 1989 (cf. recensão in *Conimbriga* 30 1991 174-178).

A poesia nas inscrições é, sem dúvida, um dos temas de investigação mais aliciantes. A ponto como de grande interesse, a este propósito, a obra *Lapides Memores* (Faenza, 1991, Coleção “Epigrafia e Antichità”,

nº 11) que recolhe os mais significativos trabalhos do saudoso Gabriel Sanders, com abundante bibliografia. O artigo “Vincitur hic fatuus — o epitáfio métrico de Couto de Baixo” de Carmem Isabel Leal Soares, inserido no volume 31 (1992, pp. 155- 172) de *Conimbriga*, pode ser apontado como sugestivo exemplo do tratamento simultaneamente epigráfico e literário dum epitáfio métrico.

A terminar, a alusão a uma obra síntese que aborda, com clareza e muitos exemplos práticos, toda a problemática da ciência epigráfica: trata-se de *Epigrafia Romana*, de Giancarlo Susini (Roma, 1982). E a consciência de que, desde sempre, o Homem teve com os monumentos epigráficos uma relação privilegiada: “Oh ! quem me dera que se escrevessem as minhas palavras e se consignassem num livro, gravadas por estiletos de ferro numa lâmina de chumbo, ou se esculpisse em pedra, para sempre!”. É a resposta do profeta Job a Baldad (Job 19, 23-24).